

pacidade de trabalho soube chamar a atenção não só dos cientistas, mas de todos os brasileiros ciosos dos seus lídimos valores, para a vida do cientista baiano, Prof. Manuel Augusto Pirajá da Silva que é, incontestavelmente, uma das glórias da Medicina mundial.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

\*

CARVALHO (Daniel de). — *Capítulos de Memórias*, pref. de Octávio Tarquínio de Sousa, Liv. José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1957, 245 pp.

Vão aparecendo, aos poucos, alguns depoimentos sôbre a, já agora, assim chamada República Velha. O livro do Sr. Daniel de Carvalho, recentemente publicado, é um destes testemunhos e, também, importante achega para o estudo daquela época, que alguns louvam e outros denigrem. O período relativo à 1a. república foi, no entanto, um momento como os outros: de algumas grandezas e de muitas misérias. E, da leitura da obra do Sr. Daniel de Carvalho, bem se vê que assim foi.

E' curioso meditar, depois da leitura desta obra, sôbre o modo pelo qual se recrutavam os políticos, como era feita, cozinhada, a política de então, em que o povo nada dizia, nem parecia ter o que dizer e para a qual, no entanto, contribuía, votando!... A "fabricação" de políticos e de candidatos, o caciquismo, disfarçado sob "princípios republicanos", funcionava, perfeita e serenamente, nas diferentes *tarascas* do republicanismo de então, vazio de ideologia, satisfeito apenas com o gôzo e uso do poder.

Uma das instituições da época — o *coronelismo* — era tôda poderosa. Victor Nunes Leal, no seu interessante livro sôbre o *Coronelismo, Enxada e Voto*, estudou a estrutura daquela instituição que não foi apenas um fenômeno mineiro mas nacional. O coronelismo liga-se, diz o Sr. Daniel de Carvalho, "ao predomínio da aristocracia rural nos primórdios da nacionalidade, ao poder privado dos senhores de engenhos, de mineração, de sesmarias de terras e de escravos, projetando-se na vida social e suprimindo a ausência de autoridades administrativas e judiciárias. Os *potentados* da era colonial surgem na Regência, tendo como expoentes os *caudilhos locais* que formam as tôrres fortificadas do *castelo inexpugnável*, descrito pelo Visconde de Uruguai e reaparecem no Segundo Reinado sob a forma do coronel da Guarda Nacional. Na República completa-se a engrenagem da máquina eleitoral, cuja alavanca era o coronel do interior" (p. 225). Os *grandes coronéis* da história política do Brasil, os de Minas, os de São Paulo, os do Rio Grande do Sul (êstes, em entreveros, às vezes chegavam às estrêlas do generalato), passaram por fases sucessivas que revelam as transformações da instituição, como as "suas constantes entre tantas variáveis"... Eram êstes *coronéis-mores* que faziam a força dos *peixes grandes*, a que se referia Lauro Muller, sendo os demais, apenas *camarões pequenos* para o mólho (cf. p. 158).

O coronelismo "não nasceu da vontade dos homens — diz o Autor — ou da imposição legal. Não tira sua origem de uma deliberação individual ou coletiva. Não representa uma escôlha refle-

tida e consciente, nem é fruto da lógica ou da razão. Ao contrário, pode ser incluída na lista das instituições nascidas naturalmente no seio do povo, como resultado de múltiplos fatores e circunstâncias históricas... Havia necessidade de ter a metrópole ou o governo central um líder em cada município e o poder público encontrou esse líder criado pela estrutura econômica do país” (p. 226). Este *feudalismo* naturalmente transformou-se, afeiçãoou-se à medida e ao longo das vicissitudes de nossa história. Modificaram-no, a industrialização, as correntes imigratórias, as novas condições de trabalho que iriam influir e, ao mesmo tempo refletir, as novas situações de ordem econômica e social. No entanto — parece ao Autor — o sistema “estava sólidamente fincado em nossa vida social e política e tão enraizado nos costumes tradicionais do povo, que se acomodou às novas circunstâncias e resistiu a tôdas as inovações. Estas obrigaram, certamente, a mudanças e adaptações, mas o sistema continuou o mesmo em sua substância, em sua dinâmica, em suas características fundamentais”.

Não se teriam gerado ao longo dessa curiosa história do coronelismo, no próprio seio de tal sistema, contradições? Cremos que sim, precisamente pela diferenciação dos interesses dos grupos, e até mesmo onde o coronelismo talvez possuía mais fundas raízes.

No livro do Sr. Daniel de Carvalho, encontramos, senão a primeira destas contradições, a primeira *suspeita* delas, e que se revela — é curioso assinalar! — em termos comteanos. Mais um aspecto, talvez, do *positivismo difuso* em nossa terra. Queremos nos referir ao pensamento político de João Pinheiro.

O antigo preparador de física de nossa Escola Normal lera Augusto Comte quando estudante em São Paulo. Da influência dessas leituras, do que observara à sua volta e das próprias condições econômicas e sociais do país, na época, teria talvez resultado a fórmula de uma nova perspectiva para o pensamento político nacional.

Relata o Sr. Daniel de Carvalho, em sua obra, o que certa vez lhe contou João Pinheiro acerca de seu retorno à política. Voltara à política porque, dizia, “*a República não se fizera para deixar o povo a vegetar na pobreza e a mendigar empregos nas repartições públicas. Que valia a liberdade política no meio da miséria geral? A independência econômica era um ideal tão digno de esforços e sacrifícios como o ideal republicano*” (p. 163). Suprimir a política-gem, “dar às atividades um objetivo de emulação fecunda... garantir, ao menos, o mercado interno à produção brasileira, criar o ensino técnico para controlar a ação do nefasto bacharelismo, causa principal de todos os males; tornar a República por este meio ligada à sorte das classes conservadoras, incorporando nela o proletariado”, valorizar o trabalho nacional, tais eram os pontos essenciais do pensamento de João Pinheiro. Enfim: indicar bem claro que o problema econômico é, ao mesmo tempo, “o problema social e a verdadeira questão política” do Brasil. Esse foi o ideal de João Pinheiro, ideal difícil de se conciliar com os interesses expressados pelas variadas *engrenagens* que moviam o coronelismo...

J. CRUZ COSTA